

## **Emergência de movimentos de direita e liberais em Sergipe e sua relação com partidos políticos**

**Adrielma Silveira Fortuna dos Santos**

### **Resumo**

Desde as manifestações de junho de 2013, uma série de movimentos sociais emergiram, entre eles os autodeclarados de direita, conservadores e liberais. Este trabalho insere-se, portanto, em um grupo de análises que buscam compreender aquele momento ímpar na política recente no Brasil e do qual alguns desdobramentos puderam ser observados, tais como o fortalecimento das forças de oposição de direita no Brasil. Quanto aos estudos sobre a militância, esses poucos têm se concentrado naqueles ligados ao campo da direita. Daí a importância de buscar explicações para as diversas facetas do momento político inaugurado no ensejo de junho de 2013, principalmente os não identificados com a esquerda. À luz da literatura de movimentos sociais, especialmente pelos conceitos de redes sociais, repertórios de ação e recrutamento, este artigo analisa a relação entre movimentos sociais de direita e liberais e partidos políticos em Sergipe no período de 2014 e 2017. Especificamente, busca-se contextualizar a emergência desses movimentos, seus espaços de atuação e os protestos organizados por eles, bem como mapear os tipos de relações político-partidárias e os usos dessas nas eleições municipais e federais. Para tal, adotaram-se estratégias qualitativas para a coleta de informações, quais sejam, observação participante, mapeamento de notícias nas mídias sociais, conversas informais e entrevistas semiestruturadas. Os resultados têm demonstrado que, desde a gênese desses movimentos, há uma forte vinculação partidária. Contudo, há também uma resistência à “velha política”, e isso tem provocado rupturas, dissidências internas e uma fragmentação desses grupos no estado. Em suma, pode-se afirmar que está em curso um processo recíproco de consolidação de alguns movimentos de direita e liberais, que repercutem na política partidária. Essa relação ainda merece mais investigações, de forma a acompanhar as mudanças na participação política de movimentos de orientação de direita e liberais e o contexto político-partidário de Sergipe.

**Palavras-chave:** movimentos de direita e liberais; partidos políticos; impeachment; manifestações; eleições.

---

### **Sobre a autora**

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal de Sergipe (UFS); E-mail: adrielmac.s@gmail.com

**Abstract**

Since the manifestations of June 2013, a series of social movements have emerged, such as self-declared right wing, conservative and liberal groups. This article is part of a group of analyses that seek to understand this unique moment in recent politics in Brazil and from which some developments could be observed, such as the strengthening of right wing opposition forces in Brazil. There are few studies on right wing militancy in Brazil, hence the importance of explaining the various facets of this political moment, especially the ones not identified with the left wing. Referring to the literature of social movements, especially on the use of social media and repertoires of action and recruitment, this article analyzes the relationship between right wing and liberal social movements and political parties in Sergipe from 2014 to 2017. Specifically, we seek to contextualize the emergence of these movements, their spaces of action and the protests organized by them, as well as to understand the types of party-political relations and their use in municipal and federal elections. For this, qualitative strategies were adopted to collect information, such as participant observation, mapping of news in social media, informal conversations and semi-structured interviews. The results have shown that, since the genesis of these movements, there is a strong party binding and a resistance to the “old-fashioned politics”, which has provoked ruptures, internal dissidents and a fragmentation of these groups in Sergipe. In short, reciprocal processes of consolidation of some right wing and liberal movements are taking place, which reflects on party politics. This relationship still deserves further investigations to follow the changes in the political participation of right wing and liberal movements, and the political context of Sergipe.

**Keywords:** right wing and liberal movements; political parties; impeachment; demonstrations; elections.

**Introdução**

Este artigo relaciona movimentos sociais autodeclarados de direita e liberais e partidos políticos no estado de Sergipe, tendo como recorte os eventos de protestos e outros tipos de ação utilizados por tais movimentos entre 2014 e 2017. Especificamente, busca-se contextualizar a emergência desses movimentos, seus espaços de atuação e os protestos organizados, e compreender as relações político-partidárias e o uso destas nas eleições municipais e federais.

Para tanto, com o intuito de identificar os diferentes elementos que estruturaram os movimentos, como os recursos financeiros,

humanos, simbólicos, profissionais, além do perfil das lideranças, as relações estabelecidas e os partidos políticos, os recursos metodológicos assumiram contornos qualitativos. As estratégias para coleta de dados foram observação participante, diário de campo, mapeamento de notícias de jornal, postagens nas mídias sociais dos movimentos, conversas informais e entrevistas semiestruturadas.

Devido à natureza do tema, cabe pontuar que, na ausência de definições universais de direita, liberal, esquerda e conservador, esta pesquisa considera as próprias definições dos atores pesquisados que, assim como na literatura, se mostram diversas e conflitantes. Alguns grupos se definem como conservadores liberais, por defenderem a liberdade de mercado e menos intervenção do Estado na vida dos indivíduos, assim como a preservação de tradições e costumes, como a família nuclear. Outros se definem como liberais tanto com relação à economia como aos costumes. Também apoiam menos intervenção do Estado na vida econômica e na vida privada dos indivíduos, por exemplo, liberalização da maconha, liberdade sexual etc. Há ainda aqueles que se definem como de direita, cujo principal objetivo é assegurar a ordem, além disso, defendem a privatização, os princípios cristãos e são a favor do armamento civil, entre outras pautas.

Quanto ao acúmulo teórico sobre as relações entre instituições partidárias e movimentos sociais, registra-se uma ampla gama de estudos nas ciências sociais (Costa, 2009; Gohn, 2014, 2016; Mische, 2008; Tatagiba 2014). Contudo, são poucos os trabalhos que fazem tal análise com foco em movimentos sociais de direita, liberais e seus aliados partidários. Como enfatiza Julian Fretel (2011), os estudos sobre a militância de direita ainda estão aquém daqueles produzidos sobre a militância de esquerda, também ressaltando problemas metodológicos ao analisar a militância de direita. É preciso reconhecer que a militância de direita tem dinâmicas de organização próprias e formas de atuação que nem sempre se assemelham às utilizadas pela esquerda. Este trabalho, ao analisar as relações entre partidos políticos e movimentos sociais autodeclarados de direita e liberais. Também tem como objetivo mostrar que determinados repertórios de ação para relacionar políticos partidários faz parte da consolidação, mobilização e recrutamento tanto de movimentos sociais, seja ele autodeclarado de direita ou de esquerda, quanto também de políticos partidários que buscam aumentar suas redes sociais.

O conceito de “repertório de ação” mencionado pode ser compreendido como um “campo limitado de rotinas que são aprendidas, compartilhadas e executadas através de um processo relativamente deliberado de escolha” (Tarrow, 2009, 51). O conceito de “repertório” é ao mesmo tempo estrutural e cultural. Assim, envolve analisar tanto o que as pessoas fazem quando estão engajadas no conflito com outros quanto o que elas sabem fazer e o que os outros esperam que elas façam. É preciso compreender os elementos estruturais e culturais utilizados pelos manifestantes para se organizar e para reivindicar sua causa em um determinado espaço e contexto políticos.

Os protestos analisados foram organizados por movimentos de direita e liberais na cidade de Aracaju (SE), desde o início de 2015 até setembro de 2017. A maioria dos protestos teve como pauta principal o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff e a prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ambos do Partido dos Trabalhadores (PT). As manifestações de rua e outros eventos, além de terem sido marcados pelo contexto político, também foram marcados por aspectos morais, econômicos e religiosos. A análise de Jasper (2016) sobre protestos permite compreender e classificar os atores envolvidos na organização e realização das manifestações de rua e demais eventos. Percebe-se que políticos partidários que ocupam ou estão tentando ocupar um cargo eletivo têm desempenhado papel fundamental, o de doador de recurso financeiro, material e humano. Outras análises, como a de Tilly sobre confronto político e eleições, auxilia na compreensão de como os espaços das manifestações se relacionam com as eleições políticas (Jasper, 2016; McAdam; Tarrow 2011; Tarrow, 2009).

O artigo segue na seguinte forma: a primeira parte trata da emergência dos movimentos autodeclarados de direita e liberais, como também dos protestos organizados por eles entre o período de 2015 a 2017; a segunda analisa as relações estabelecidas entre partidos políticos e esses movimentos; por fim, nas considerações finais, apresentam-se alguns resultados e problemas de pesquisa que precisam ser mais bem explorados.

## **A emergência e organização**

Em Sergipe, a direita durante o regime civil-militar controlou os espaços de representação política, do Estado, do associativismo

estudantil, secundarista e universitário, entre outros (Cruz, 2012; Dantas, 2004). No pós-regime, um *boom* de movimentos sociais e partidos políticos de esquerda emergiram e se consolidaram, protagonizando manifestações de rua massificadas, ocupando cargos desde a representação estudantil secundarista e universitária até a presidência da república (Gohn, 2000). Em Sergipe, entre os anos de 1980 até a década de 1990, o Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) foi dirigido por movimentos sociais e partidos de esquerda, mas é sabido que nesse período e também na década seguinte houve alianças entre partidos de direita e de esquerda para disputar tal espaço (Santos, 2016). O DCE da UFS é um dos espaços políticos fundamentais para compreender a história política do Sergipe, porque os principais políticos do estado, após a redemocratização, foram presidentes ou participaram da diretoria da instituição, ou seja, era um espaço em que os jovens estudantes se tornavam jovens políticos partidários que se elegeram e ainda se elegem como vereadores, prefeitos, deputados estaduais e federais e governadores (Costa, 2009; Santos, 2016). A partir dos anos 2000, nenhum presidente conseguiu ser eleito a cargo eletivo, contudo a maioria continuou envolvida com a militância associativa e/ou partidária, em alguns casos, ocupando cargos de presidência em partidos políticos ou sindicatos.

Percebe-se naquele período elas no movimento estudantil universitário local, entre essas mudanças, a emergência de grupos conservadores, liberais e de direita, conforme o Quadro 1.

**Quadro 1** – Movimento e ano

| <b>Nome do movimento</b>             | <b>Ano de surgimento em Sergipe</b> |
|--------------------------------------|-------------------------------------|
| Juventude Conservadora de Sergipe    | 2012                                |
| Liberte-se UFS                       | 2014                                |
| Movimento Brasil Livre               | 2014                                |
| Estudantes Pela Liberdade de Sergipe | 2014                                |
| Movimento Muda Brasil                | 2015                                |
| Movimento Muda Sergipe               | 2015                                |
| Movimento Basta                      | 2015                                |
| Movimento Ame ou Deixe o Brasil      | 2015                                |
| Movimento Vem Pra Rua                | 2015                                |

[continua na próxima página]

| Nome do movimento                    | Ano de surgimento em Sergipe |
|--------------------------------------|------------------------------|
| Núcleo Libertário Sergipano          | 2015                         |
| Juventude Livre                      | 2016                         |
| Movimento Aliança Estudantil         | 2016                         |
| Movimento Direita Sergipe            | 2016                         |
| Movimento Luta Sergipe               | 2016                         |
| Movimento Sergipe com Jair Bolsonaro | 2016                         |
| Instituto Liberal Sergipe            | 2016                         |
| Juventude Libertária Tiradentes      | 2017                         |
| Movimento Atitude Sergipe            | 2017                         |
| <b>Total</b>                         | <b>18</b>                    |

Fonte: Elaboração da autora.

Entre os anos de 1980 e 2014, não havia relatos de organizações e movimentos estudantis de direita disputando representação estudantil na UFS. Essa história muda no final de 2014, quando um movimento chamado Liberte-se surge e concorre às eleições estudantis para gestar o DCE em 2015. As ações do movimento se acentuam após os resultados das eleições federais de 2014, bem como surgem no estado outras organizações consideradas pela oposição e pelos simpatizantes como movimentos de direita, conservadores e/ou liberais no ambiente universitário (Santos, 2016). A reeleição de Dilma Rousseff foi o evento que marcou o engajamento, a mobilização e consolidação dos movimentos de direita, conservadores e liberais, pois promoveu oportunidades políticas para que novos atores coletivos surgissem na cena pública, pedindo seu impeachment. A universidade, particularmente o DCE, foi o primeiro espaço de representação que os simpatizantes da direita e do liberalismo disputaram, justificando-se pela crença de que “historicamente a UFS sempre foi dominada pelos esquerdistas, marxistas”. Tal crença não só é compartilhada por estudantes, mas também por alguns professores que apoiaram as ações pró-impeachment no âmbito universitário.

Esse breve relato e análise sobre a importância política do DCE em Sergipe não deve ser esquecido, pois não foi à toa que esse espaço foi estrategicamente disputado pelos “pioneiros” dos movimentos de direita e liberais no estado. Ademais, é válido ressaltar que o Liberte-se UFS não venceu as eleições contra a única chapa concorrente, mas obteve 889 votos, e a vencedora, 2.195 votos. Apesar da diferença de

1.306 votos, é preciso considerar alguns aspectos que demonstram a relevância de votos obtidos pela chapa de direita. A saber, a chapa vencedora gestou o DCE no ano de 2014 e alguns de seus membros já haviam participado de diretorias anteriores, além disso, seus membros tem uma longa trajetória de militância estudantil e/ou partidária (Santos, 2016). Analisando os resultados da eleição desse mesmo grupo em 2014, eles obtiveram 1.989 votos e em 2016, 2.015 votos, o que demonstra que eles mantêm um público “fiel” de votantes.

Por outro lado, quando analisamos o voto das chapas em segundo lugar nesses anos, teremos, em 2014, 711 votos, e em 2016, 615 votos. Desta feita, o que queremos frisar é que o número de votos obtido pela chapa Liberte-se UFS foi relevante para as eleições estudantis da universidade, principalmente quando comparamos com as chapas de esquerda em segundo lugar nas eleições de 2014 e 2016. Tal resultado mostrou que havia adesão estudantil ao movimento e às pautas defendidas por ele. Além do Liberte-se UFS, já existiam no estado a Juventude Conservadora de Sergipe (JCS) e os Estudantes Pela Liberdade (EPL) (Tabela 1). Esses três movimentos passaram a atuar de forma mais organizada no final de 2014. Para melhor compreender a emergência desses movimentos, é preciso compreender os protestos iniciados em 2015, os quais estes e outros grupos organizaram.

A consolidação dos movimentos de direita, conservadores e liberais em Sergipe inicia com os protestos pró-impeachment. Este se inicia oficialmente em 2 de dezembro de 2015 e encerra em 31 de agosto de 2016, com a cassação do mandato da ex-presidente da República Dilma Rousseff. O início das manifestações pela cassação data de 15 de março de 2015 e aproximadamente 20 estados brasileiros aderiram ao protesto que teve como principais organizadores o Movimento Brasil Livre (MBL) e o Movimento Vem Pra Rua. O primeiro movimento já havia feito uma manifestação no final de 2014 reivindicando liberdade de imprensa e mais investigação sobre a corrupção na Petrobras (Mattos, 2016; Souza, 2016). Após o primeiro evento, uma série de protestos de rua e mobilização virtual emerge, bem como um ciclo de surgimento e desaparecimento de grupos organizados enquanto “movimentos” que reivindicavam o fim da corrupção e do PT no Brasil.

Paralelamente, vários estudos buscaram compreender o que estava ocorrendo naquele período, questionando qual o perfil dos manifestantes, quais os espaços ocupados por eles, quais suas

performances, seus aliados e apoiadores, bem como seus referenciais ideológicos e suas motivações. Nesse sentido, a literatura tem classificado tais movimentos como de direita, conservadores e/ou liberais, e sua emergência se relaciona em parte aos protestos de junho de 2013 e às manifestações contra a Copa do Mundo em 2014 (Alonso, 2016; Gohn, 2013, 2014, 2016; Tatagiba *et al.*, 2015). Para Tatagiba *et al.* (2015), as manifestações de 2015 e 2016, que também ficaram conhecidas como “Fora Dilma” e “Fora PT”, estão vinculadas a um conjunto de manifestações contra o PT e contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, iniciadas em 2007, que ocorreram após os escândalos de corrupção e de compra de voto de parlamentares envolvendo dirigentes do partido.

Tais manifestações refletem mudanças nas dinâmicas de organização, mobilização e relação entre partidos políticos e movimentos sociais e uma inovação dos atores sociais que se manifestam, na medida em que são constituídas por atores que, tradicionalmente, não se manifestavam em espaços públicos. Os autores citados demonstraram em seu estudo que, desde 2007, é possível observar um conjunto de atores que desafiam a hegemonia da esquerda no que concerne às diferentes formas de manifestação da ação coletiva em espaços públicos.

Tanto Alonso (2016) quanto Melo (2016) veem uma relação entre as manifestações de 2013 e de 2015-2016. Na mesma linha, Mattos (2016) faz uma análise de junho de 2013 a junho de 2015. Os autores analisam os dois contextos considerando as diferenças de classe, os fatores econômicos, a relação entre os organizadores e a mídia etc. Estas análises sobre aquele momento tendem a caracterizar os protestos de 2015-2016 como parte de um golpe político ou não se aprofundam na análise dos repertórios de ação, nos referenciais ideológicos dos organizadores e das causas defendidas por eles (Szwak, 2016). Por outro lado, esses mesmos estudos suscitam questões interessantes, circunscritas à participação e à relação dos partidos políticos nesses protestos, o papel da grande mídia na construção de uma imagem positiva das manifestações e de seus manifestantes, uma análise dos discursos das lideranças tanto nos protestos quanto em entrevistas concedidas à grande mídia (Ibidem).

Ressalta-se ainda o estudo de Alonso (2016), uma vez que a autora utiliza o conceito de “ciclo de protestos” para analisar as manifestações entre 2013 e 2016: o primeiro ciclo se formou pelas



manifestações de junho de 2013, e a pesquisa catalogou 1.594 eventos de protestos no Brasil. A autora classificou três grupos: os *autonomistas* e os *socialistas* (mobilizações de esquerda); de outro, os *patriotas*. O segundo ciclo ocorreu em 2014, e Alonso afirma que os *socialistas* e *autonomistas* deixam a rua, abrindo mais oportunidades para o terceiro grupo ocupar espaços de reivindicação. Segundo o estudo, os *patriotas* passam a ter organização, complexidade e volume, contabilizando 43 grupos organizados, 3 associações estruturadoras: Vem Pra Rua (liberal); MBL (conservadora) e Revoltados On-line (reacionária). Por fim, o terceiro ciclo de protesto ocorreu em 2015-2016, com duas agendas em disputa: pró-políticas sociais/ antigolpe e pró-Estado mínimo/pró-impeachment. A primeira agenda era reivindicada pelos socialistas e autonomistas, e a segunda, pelos patriotas (Ibidem).

Como apresentado, os movimentos de direita e liberais emergiram em Sergipe como um grupo de contestação no final de 2014 na Universidade Federal de Sergipe. Contudo alguns poucos registros mostram que já nas manifestações de junho de 2013 havia simpatizantes e defensores de causas de direita, como a defesa da volta do regime civil-militar, a defesa da família nuclear, entre outras. A partir dos dados coletados tem-se questionado o peso de tais manifestações como evento marco da organização dos movimentos em Sergipe, tendo em vista que as eleições de 2014 tem se configurado como o evento que impulsionou o recrutamento, a mobilização e o engajamento de um perfil diversificado de atores políticos, profissionais liberais, estudantes universitários e secundaristas, professores universitários, desempregados etc.

Em 2013, emergiram dois movimentos: os Estudantes Pela Liberdade de Sergipe (EPL-SE), movimento de âmbito nacional e internacional que tem como objetivo difundir as ideias liberais em universidades e escolas do Ensino Básico; o segundo que emerge nesse período é a JCS, que atua principalmente no âmbito virtual, propagando ideias conservadoras e defendendo o “real conservadorismo e a tradição, a família tradicional, os valores do ser humano, a moralidade tradicional, a integração do povo, a valorização da identidade nacional, a valorização das nossas origens e a difusão do espiritualismo”. São dois movimentos com perfil diferente, um liberal e outro conservador, mas que durante os protestos pró-impeachment se aliaram para “combater o inimigo comum” (palavras

da JCS), ou seja, a ex-presidente Dilma Rousseff e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Em 2014, emerge outro conjunto de movimentos sociais, principalmente no âmbito estudantil universitário. A emergência do Liberte-se, nesse período, é justificada pelo coordenador do mesmo, a partir das manifestações de junho de 2013 e do descontentamento com a atuação dos movimentos de esquerda e do monopólio destes sobre os espaços de representação estudantil. Porém, outros relatos mostram que sua criação ocorre a partir da oficialização do Partido Novo (PN) no estado, quando este queria ter representação no meio universitário, mas por conta da rejeição a partidos políticos nesse espaço, o movimento precisou se configurar como um movimento apartidário inicialmente.

O apartidarismo, muito presente nos discursos em protestos pró-impeachment de Dilma Rousseff e durante o impeachment de Fernando Collor de Melo em 1992, como mostra Mische (2008), por um lado mostra a defesa de uma nova forma de relação entre partidos políticos e movimentos sociais, em que a partidarização do movimento é rejeitada por parte ou por todo o grupo; por outro lado, apresenta estratégias de ação e representação desses movimentos a partir do mascaramento de que o movimento e suas lideranças são partidários. Como estratégia de demarcar certa autonomia em relação a partidos políticos e manter o caráter apartidário do movimento estudantil, criou-se uma ramificação do Liberte-se, chamada “Liberte-SE”, formado pelos mesmos membros do anterior, mas com o objetivo de organizar protestos fora do ambiente estudantil.

Assim, as manifestações pelo impeachment de Dilma Rousseff em Sergipe seguiram a lógica do ciclo de protestos que ocorreram em âmbito nacional. No período de 15 de março de 2015 a 31 de agosto de 2016 houve as principais manifestações organizadas pelo MBL, Movimento Basta, Movimento Muda Brasil e pelo Movimento Vem Pra Rua, e os demais movimentos citados, foi criada uma série de movimentos sociais “temporários”, pois passado o ciclo de protestos pró-impeachment, boa parte deles desapareceram.

Como desdobramento dessas manifestações, emergiram os dois principais movimentos de direita e liberais do estado atualmente: a Direita Sergipana e o Instituto Liberal de Sergipe (Ilise). O primeiro se apresenta da seguinte forma:

O movimento Direita Sergipana surgiu em outubro de 2016 da reunião de pessoas dispostas a promover ações para divulgar o pensamento e as ideias de direita (conservadora e liberal) em Sergipe. Temos como princípios a defesa da vida, da propriedade e da liberdade, principalmente a liberdade de expressão e a liberdade econômica. Somos contra e combatemos o marxismo cultural, o politicamente correto, ideologias e partidos totalitários (socialismo, comunismo, fascismo...). Lutamos por menos impostos, por mais segurança, pela garantia da legítima defesa com direito a posse de armas pelo cidadão, por justiça para todos e pelo respeito a família e aos valores judaico-cristãos. (Direita Sergipana, 2017)

As lideranças desse movimento atuaram como coordenadores ou membros dos movimentos já citados, Liberte-se, JCS e EPL, como também o Movimento Aliança Estudantil, que surge em 2016 e também defendia ideias liberais, e a Juventude Com Jair Bolsonaro, que surge em 2015. Essa citação deixa claro que o movimento defende tanto ideias liberais quanto conservadoras, e esse posicionamento permite, em alguns momentos, uma aliança com movimentos conservadores mais radicais, como a JCS.

Já o segundo movimento, o Ilise, ao se apresentar, deixa claro seus objetivos:

Queremos unir os liberais e fortalecer a difusão das ideias que reconhecem o indivíduo como um fim em si mesmo. Apresento a vocês a missão, visão e os valores que nortearão as ações do Instituto: Missão – Promover ideias liberais de respeito à vida, liberdade e propriedade, desenvolvendo formas que potencializem o alcance de uma sociedade mais livre. Visão – Ser um referencial na promoção das ideias de liberdade, tanto no Estado de Sergipe quanto em parceria com outras organizações da região Nordeste e do Brasil. (Ilise, 2017)

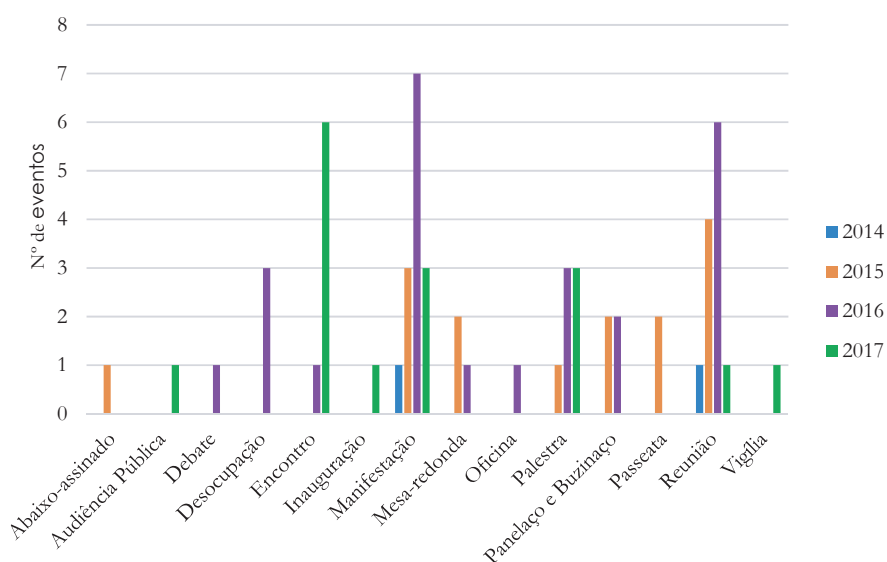
O movimento surgiu em julho de 2016, o atual presidente e o vice-presidente do Instituto foram coordenadores estaduais do EPL, sendo que o presidente atualmente foi e é o atual coordenador estadual do MBL-Sergipe e faz parte da diretoria da Direita Sergipana. Tanto o Ilise quanto a Direita Sergipana são movimentos recentes formados por militantes que atuam desde 2014 em outros movimentos, ao classificá-los como os principais movimentos de direita e liberais no estado está se levando em conta seu poder de mobilização de recursos financeiros,

materiais, humanos e políticos no estado. Mas além disso, leva-se em consideração aspectos institucionais, uma vez que o Ilise está em processo de institucionalização e o outro tem uma sede própria.

A partir de observação participante, mapeamento de notícias de jornais locais e das mídias sociais dos movimentos já citados, além de entrevistas semiestruturadas e conversas informais, foi possível até o momento catalogar 56 ações públicas (reuniões, palestras, manifestações de rua) organizadas pelos movimentos. O Gráfico 1 apresenta os tipos de ação utilizados pelos movimentos sociais e sua frequência entre 2014 e 2017.

### Gráfico 1 – O Modelo da numeração de gráfico é números arábicos

Tipo de ação e ano



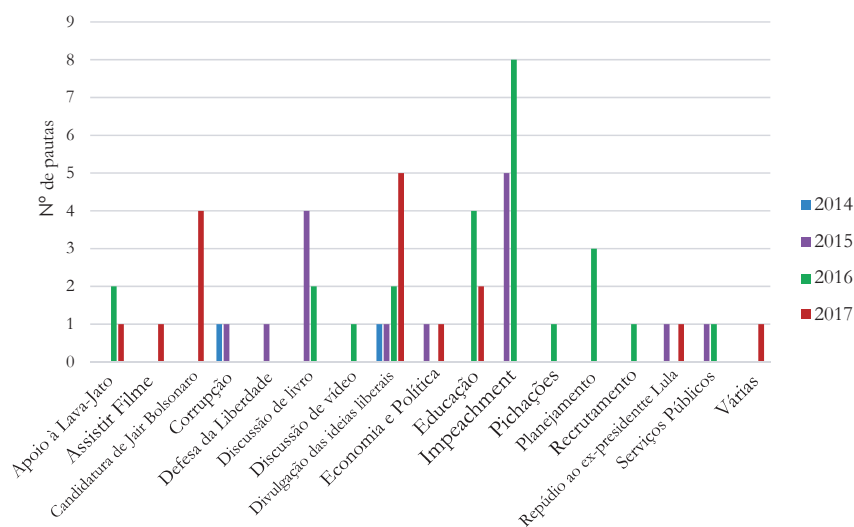
Fonte: Elaboração da autora.

Como é possível observar, o ano de 2016 foi o período com mais eventos, e a ação mais utilizada foi a manifestação de rua e reunião. Esse dado é interessante porque representa características específicas dos movimentos, uma vez que movimentos como o EPL e o Ilise atuam principalmente por meio de reuniões, mesas-redondas, debates, encontros e palestras. Em relação a isso, o ano de 2017 já se mostra significativo quando se observa o número de encontros e palestras organizadas até o momento. O repertório “manifestação”

foi utilizado principalmente durante o processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, pelos movimentos de âmbito nacional que atuaram no estado, como o Movimento Basta, Movimento Muda Brasil, MBL, Movimento Vem Pra Rua, entre outros. Vale ressaltar os tipos de ação “panelaço” e “buzinaço”, uma vez que se tornaram símbolo dos protestos de rua organizados pelos movimentos de direita e liberais durante o impeachment e continuou sendo utilizado como recurso simbólico complementar a outros tipos de ação.

O Gráfico 2 apresenta as pautas reivindicadas e sua frequência entre 2014 e 2017. Com base nas reivindicações dos movimentos, foi possível identificar também sua relação com partidos políticos, políticos partidários e o período em que isso se torna mais evidente. Além disso, de forma complementar às informações do Gráfico 1, percebe-se que as estratégias de recrutamento, mobilização e pautas são diversificadas, conforme apresentado no Gráfico 2:

**Gráfico 2 – Pautas e ano**



Fonte: Elaboração da autora.

O impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff foi a pauta mais reivindicada pelos movimentos em 2015 e 2016. Esse resultado já era esperado, visto que movimentos como o MBL e Vem Pra Rua se consolidam principalmente a partir da organização de manifestações de rua que reivindicavam o impeachment nesses anos. O

que se torna significativo nesse gráfico é a pauta “Divulgação das ideias liberais” e a “Candidatura do deputado Jair Bolsonaro em 2018”. A primeira só não aparece em 2014, aparecendo de forma mais intensa no primeiro semestre de 2017, demonstrando em certa medida a consolidação dos movimentos liberais no estado diretamente atrelada à defesa da segunda pauta. A defesa da suposta candidatura do deputado Jair Bolsonaro para presidente da República em 2018 aparece de forma simbólica desde 2016, e em 2017 se tornou pauta principal de alguns eventos organizados por movimentos como a Direita Sergipana e seus apoiadores.

Em suma, as várias direitas que emergiram com o resultado das eleições federais de 2014 se uniram nos protestos pró-impeachment e depois voltaram a se organizar em seus próprios interesses, em alguns casos com objetivos claros, visando eleger determinados políticos nas eleições municipais de 2016 e a candidatar outros para as eleições de 2018. Um exemplo é a presença, em quase todas as manifestações durante e depois do impeachment, de militantes com camisa do deputado Jair Bolsonaro, com a estampa “Bolsonaro 2018”.

No próximo tópico será analisada a relação estreita entre esses movimentos e políticos partidários específicos, como o deputado Jair Bolsonaro e políticos locais.

### **Apoios, partidos políticos e eleições**

A partidarização dos movimentos sociais e o aparelhamento político têm sido discutidos por pesquisadores de movimentos sociais. Um estudo interessante que vale ser destacado é o de Ann Mische (2008) sobre o movimento estudantil do Brasil na década de 1990. Ela acompanhou movimentos estudantis com vinculações partidárias distintas e observou suas relações. Um dos resultados encontrados foi que movimentos que se diziam apartidários tinham vinculações densas com partidos políticos, porém tais vinculações não apareciam durante os protestos, eram ocultadas, pois a relação entre movimentos sociais e partidos políticos tinha sido abalada por conta dos acontecimentos políticos de 1992. Tal contexto não é muito distante do que foi visto nas manifestações dos últimos anos. Nas ocorridas em junho de 2013, as bandeiras partidárias e até de centrais sindicais não foram bem recebidas nos protestos. Nas manifestações

pró-impeachment de 2015 e 2016 a relação também permaneceu ocultada, porém nos bastidores e nos perfis pessoais dos organizadores dos protestos era possível mapear suas vinculações partidárias, ficando mais evidentes nas eleições municipais de 2016.

Em Sergipe uma série de políticos que se candidataram nessas eleições apoiaram ou criaram movimentos durante o período analisado. Lideranças do conjunto de movimentos já citados manifestaram nas redes sociais o apoio a determinados políticos partidários e sugeriram políticos supostamente alinhados à ideologia e aos princípios de direita e liberais. A defesa do apartidarismo ficou mais presente nas manifestações de 2015 e do primeiro semestre de 2016, mesmo com contradições evidentes, como militantes defendendo o apartidarismo mas vestidos com camisas que representavam simbolicamente o Partido Novo, o Partido Social Liberal/Livres (PSL) e o deputado Jair Bolsonaro. Além disso, na trajetória de algumas lideranças, foi possível identificar a participação em campanhas eleitorais de políticos do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Na época, essas lideranças eram dirigentes do Partido Novo (PN) em nível estadual que, além disso, apoiaram vários candidatos de partidos como Democratas (DEM), Partido Progressista (PP), Partido Ecológico Nacional (PEN), Partido Socialista Brasileiro (PSB), Partido Social Cristão (PSB), Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), nas eleições municipais de 2016.

Em âmbito nacional, o MBL e o Movimento Vem Pra Rua ganharam notoriedade, entre outras coisas, por organizarem manifestações em aproximadamente 20 estados do país (Mattos, 2016; Souza, 2016). O primeiro já havia feito uma manifestação no final de 2014 reivindicando liberdade de imprensa e mais investigações sobre a corrupção na Petrobras (Melo, 2016). Esse mesmo movimento nas eleições municipais de 2016 apoiou vários candidatos para os cargos de vereador e prefeito. Entre estes, nove conseguiram se eleger para o cargo de vereador (Souza, 2016).

O discurso apartidário do MBL entrou em conflito com a própria postura que o movimento e suas lideranças assumiam após escândalos de financiamento partidário. Assim, as eleições de 2016 só evidenciaram e legitimaram as relações entre o movimento e partidos políticos. Em Sergipe a vereadora eleita com o apoio do MBL foi Emília Correia, do PEN. A candidata já havia tentado se eleger em outras eleições pelo DEM. Além dela, o primeiro coordenador

estadual do MBL em Sergipe também se candidatou ao cargo de vereador na mesma eleição, contudo, não mais vinculado ao movimento, mas ao PSL que, a partir de uma postura de renovação e transição de nome, passou a atuar com o nome “Livres”, tal partido também apoiou e organizou protestos pró-impeachment no estado. Vinculado ao Movimento Basta e ao Movimento Vem Pra Rua, houve um candidato ao cargo de vereador pelo Partido Social Democrata Cristão (PSDC).

Em protesto ocorrido no dia 13/03/2016, uma liderança no trio elétrico fala a seguinte frase: “Aceitamos todos os partidos políticos, até aqueles arrependidos do PT”, além dessa frase, algumas pessoas que falaram ao microfone fizeram referência a políticos que estavam presentes. Os “arrependidos do PT” são pessoas que já se filiaram e até se candidataram pelo PT. Dois professores universitários, um do departamento do curso de Ciências Sociais e outro do curso de Direito, ex-filiados e ex-militantes do PT, foram os principais professores que apoiaram e palestraram a favor do impeachment de Dilma Rousseff e participaram ativamente dos protestos de rua. Tais dados suscitam uma análise mais detalhada sobre o perfil desses atores sociais, de sua trajetória de vida e de suas concepções políticas.

São vários casos que ainda precisam ser mais bem compreendidos, por exemplo estes em que militantes e apoiadores dos movimentos de direita e liberais foram inicialmente socializados em uma política e militância de esquerda, especialmente em partidos políticos e movimentos sociais. Essa socialização prévia e o desencantamento das experiências anteriores aparentemente criam unidade e identificação no interior desses movimentos, possibilitando uma união diante do sentimento de terem sido “enganados pela esquerda comunista”.

Esse panorama mais geral do envolvimento partidário de lideranças dos movimentos de direita e liberais, mesmo de forma breve, tenta mostrar uma nova dinâmica tanto na política associativa quanto partidária. Nova no sentido de que, desde o fim do regime civil-militar, não havia em Sergipe movimentos sociais organizados de direita, conservadores e liberais. A emergência desses movimentos e adesão, principalmente no meio virtual, denota, entre outras coisas, formas e estratégias políticas que alcançam um público específico, sejam os “arrependidos do PT”, seja uma juventude que não se identifica com os partidos políticos e movimentos sociais temáticos de esquerda.



Como apresentado no Gráfico 1, as manifestações de rua, as mesas-redondas na UFS, as reuniões públicas, foram formas de ação utilizadas por um conjunto de movimentos que emergem e se consolidam entre 2014 e 2017. A Direita Sergipana, um dos movimentos que mais atuam em Sergipe, estabelece relações diretas com políticos partidários. Tal relação ocorre principalmente com o deputado Jair Bolsonaro, do Partido Social Cristão (PSC), e do empresário João Tarantella, que se candidatou a prefeito de Aracaju em 2016 pelo Partido da Mobilização Nacional (PMN). O movimento desde sua origem não mascara seu apoio ao deputado e ao empresário. Uma das lideranças relatou que Tarantella foi o primeiro político a acreditar e apoiar o movimento. Vale ressaltar que a maioria dos jovens que lideram esse movimento, como também o Ilise, não tem uma trajetória militante anterior, diferentemente do que acontece com os apoiadores, doadores e financiadores, sendo possível observar laços densos com a política partidária.

É importante observar as estratégias e os espaços de *recrutamento desses movimentos*. Os protestos de rua durante 2014 e o primeiro semestre de 2017 proporcionaram um espaço oportuno e estratégico de recrutamento de novos militantes para os movimentos. Atré-las a elas, ou como extensão desse espaço, foram as mídias sociais. Alguns movimentos dispõem de site, blog, Instagram, Twitter e páginas do Facebook, onde divulgam, mobilizam e interagem com seus simpatizantes e confrontam opositores. Para explicar o recrutamento, alguns autores destacam um alinhamento de quadros, ou seja, eles “alinham” seus respectivos “quadros” vinculando novos temas a problemas sociais com que as pessoas já se preocupam (Jasper, 2016). A isso destacam-se as pautas reivindicadas pelos movimentos, desde o impeachment de Dilma Rousseff, passando por reivindicações ligadas aos serviços públicos, como segurança e educação, até o repúdio à ideologia de gênero e a defesa dos princípios cristãos e da família tradicional. Tais pautas estão alinhadas a públicos específicos, em sua maioria são militares, profissionais liberais, pessoas com vinculações religiosas fortes etc.

Outro aspecto do recrutamento e da própria manutenção desses movimentos e de suas redes é a trajetória biográfica de cada militante, de cada liderança. Segundo Jasper, a disponibilidade biográfica não é uma limitação estrutural, mas uma interpretação dos

custos da participação (Ibidem). Percebe-se com frequência nas narrativas das lideranças a dificuldade de dedicação dos “militantes” ao movimento, pois eles acreditam na causa, mas têm outros interesses que superam o engajamento. Um exemplo é o tempo disponível para a causa e para os estudos ou trabalho. Segundo lideranças do Ilise e da Direita Sergipana, é difícil manter os jovens porque eles querem terminar os estudos e entrar no mercado de trabalho ou têm outro engajamento, como o religioso. Nesse sentido, é possível compreender como esses movimentos se distanciaram da UFS e começaram estrategicamente a disputar outras arenas políticas, como o Conselho Estadual de Juventude. Pensando no alinhamento de quadros, percebe-se que pode haver um desalinhamento e/ou desajuste nas estratégias de recrutamento e de organização interna desses movimentos. Um exemplo pode ser a frequência de dissidências e rupturas entre os movimentos e a falta de adesão nas últimas manifestações de rua organizadas. Vale ressaltar que o Ilise não organiza manifestações de rua, pelo contrário, se organiza em reuniões, palestras, debates e mesas-redondas, principalmente no âmbito universitário e escolar. Porém, o fato de que boa parte das lideranças da Direita Sergipana faz parte dele demonstra que essas lideranças buscam recrutar, mobilizar e divulgar as ideias de direita e liberais a partir de diferentes frentes de atuação.

A sustentabilidade desses movimentos, portanto, envolve tanto o recrutamento e a permanência de novos militantes quanto de apoiadores que possam suprir as necessidades financeiras, materiais, humanas e ideológicas/teóricas deles. A literatura mostra que manter uma manifestação sempre cheia de pessoas requer estímulos diversificados e um processo de identificação coletiva com demandas reivindicadas nos protestos, bem como um senso de pertencimento ao grupo, que se constrói a partir de recursos e formas de ação diversificadas. Como ressalta Jasper (2016, 139), “a maioria dos protestos, contudo, não é tão empolgante assim, e requer outros incentivos. O mais importante é um senso de pertencimento e obrigação para o grupo”. A mesma lógica pode ser aplicada ao engajamento orgânico no movimento, onde os custos e os benefícios de participar são avaliados, as lideranças criam estratégias para sustentar não só suas ações nas ruas, mas também na organização interna do movimento (reuniões, divisão de atividades, autofinanciamento, financiamento externo etc.). Como dito

anteriormente, muitos movimentos apareceram e muitos desapareceram no período pré e pós-impeachment de Dilma Rousseff. O declínio e total desaparecimento desses movimentos pode ser explicado por uma falta de recursos diversificados de que as lideranças não dispõem.

Nota-se que há uma necessidade de fazer alianças, mobilizar diferentes atores que sejam potenciais doadores financeiros, que tenham potencial para se tornar lideranças, pois necessita-se de militantes comprometidos e engajados com a causa. Dessa forma, políticos específicos, profissionais liberais, empresários e professores universitários são convidados, mobilizados ou, mesmo de forma espontânea, aderem aos movimentos e sustentam o movimento. Pensando na clássica teoria do dom de Marcel Mauss, o dar, receber e retribuir podem explicar em certa medida o sistema de troca entre os movimentos e esses atores, pois muitos destes, principalmente os empresários envolvidos com política partidária, recebem como retribuição o apoio irrestrito e a lealdade dos jovens à frente dos movimentos. Essa retribuição foi observada a partir de um relato sobre o apoio a campanha virtual de João Tarantella a prefeito de Aracaju nas eleições de 2018, por lideranças da Direita Sergipana. Como se observa também no apoio à suposta candidatura do deputado Jair Bolsonaro à presidência da República em 2018.

No dia 26 de agosto de 2017, inaugurou-se na cidade de Aracaju a sede do Movimento Direita Sergipana e do Movimento Sergipe com Bolsonaro. O local será utilizado para reuniões, visitas, encontros e eventos tanto dos movimentos como de outros com os quais as lideranças possam estabelecer alianças. O evento contou com um número significativo de pessoas que não participavam desses movimentos, além da presença de vereadores, pré-candidatos às eleições de 2018, empresários que financiaram os eventos, doadores etc. O evento teve dois objetivos claros: inaugurar a sede e mostrar ao assessor do deputado de Bolsonaro no Nordeste, Julian Lemos, e à professora Dayane Pimentel, que comanda a rede de apoiadores do deputado na Bahia, que em Sergipe havia muitas pessoas mobilizadas em prol da candidatura do deputado. Foi um momento de festa, confraternização e, mais do que isso, de construir redes de relações e recrutamento.

A citação seguinte é de um empresário que apoia diretamente os movimentos:

Nós temos que acabar com essa apatia da população, de deixar tudo como está. E isso significa combater a corrupção, pois dinheiro desviado mata pessoas num hospital por falta de atendimento [...]. Vale agradecer ao empresário João Tarantella, que cedeu esse prédio. Nós perguntamos: quando é para pagar o aluguel, Tarantella? E ele disse: “em momento algum”. Isso é bonito de se ver. (Cristhian, 2017)

O prédio cedido pelo empresário foi utilizado durante sua campanha para prefeito em Aracaju em 2016. Ao mesmo jornal, Tarantella relatou: “Agora estamos marchando com Bolsonaro. Me filiarei ao partido em que ele se filiar. E é bom que o pessoal daqui, que comanda o PEN, que pode virar Patriota, e tem Robson Viana à frente, abrace a causa de verdade” (Ibidem). No dia da inauguração, observou-se uma fala muito significativa desse empresário, em que ele relatou seu descontentamento com o governo do estado, com o atual prefeito de Aracaju, falou de sua ruptura com o PMN e enfatizou que está disponível para Bolsonaro e irá se candidatar a qualquer cargo que ele mandar nas eleições de 2018, seja para deputado ou senador.

Julian Lemos e Dayane Pimentel também relataram suas impressões ao jornal *Cinform*: “O que estou vendo aqui em Aracaju é o que eu vejo em todo o país. É em apoio a Bolsonaro, sim. Mas é principalmente em defesa do Brasil [...]. Todo mundo quer mudança. E mudança é com Jair Bolsonaro” (Ibidem). Como foi dito, a linguagem do alinhamento dos quadros está relacionada também com as demandas do público que os organizadores querem atingir. Os dois representantes de Bolsonaro falaram poucos minutos, mas enfatizaram que sua figura representa mudança e, acima de tudo, representa também a defesa dos princípios cristãos, a defesa da família e da honestidade. A dimensão moral presente no discurso da professora também se faz constante nos discursos e na mobilização virtual dos movimentos, principalmente os de direita.

Vale ressaltar ainda as narrativas das lideranças da Direita Sergipana ao jornal, em que o coordenador fala: “Na verdade, se trata de um espaço que servirá de apoio para todo o estado, já que temos gente que apoia Bolsonaro em todas as 75 cidades de Sergipe. [...] Aqui não existe líder, por isso dividimos o grupo em 15 coordenações, e cada uma faz a sua parte” (Ibidem).

Interessante frisar o número de coordenadorias e o caráter horizontal da organização. A partir de conversas com as lideranças do movimento, foi possível compreender que eles ainda estão em fase de estruturação e consolidação do modelo organizacional do movimento, e de recrutar e engajar o máximo de pessoas. A horizontalidade, nesse contexto, funciona como estratégia para que os envolvidos se dediquem, tenham o mínimo de compromisso, doem recursos financeiros e tempo, se sintam parte fundamental do movimento e uma liderança dele. Outra liderança do movimento destaca que: “A nossa ideia é mobilizar. Começamos na internet, nos organizamos nos protestos entre 2015 e 2016 e agora estamos trabalhando pelo que nós acreditamos” (Ibidem).

A internet foi e é um recurso-chave de mobilização e sustentação do movimento, pois demanda pouco recurso financeiro, é de fácil acesso, atinge milhares de pessoas, possibilita uma rede de contatos tanto no âmbito local quanto nacional etc. O movimento está na fase de saída da mobilização intensa do meio virtual para as formas presenciais de ação. A mobilização e a construção de uma rede de relações que envolve empresários, profissionais liberais e políticos partidários que dispõem de recursos financeiros parece fundamental para que esses movimentos consigam fazer essa transição de forma sustentável.

Outro aspecto importante que cerca não só a construção das manifestações de rua, mas a própria organização dos movimentos e das relações que irão estabelecer com partidos políticos ou políticos específicos, é o elemento da decisão. Questões como: “Qual será a tática de ação mais efetiva?”; “Quem será responsável pela linha de frente na manifestação?”; “Quem falará com os jornalistas, com a política ou os agentes de trânsito?”; “Quem negociará com representantes do estado?”; “Quem mediará as novas alianças com os demais movimentos?” estruturam e organizam os protestos e o movimento de forma geral. Decidir o melhor repertório é uma decisão estratégica que leva em consideração tanto as disposições individuais quanto também o contexto político, econômico e cultural.

Vale ressaltar que a decisão do Movimento Direita Sergipana de apoiar Bolsonaro e mesmo de se articular diretamente com empresários partidários provoca, às vezes, conflitos internos no movimento e com possíveis aliados. Outro exemplo de como as decisões são estruturantes foi observado em uma reunião do Instituto Liberal de

Sergipe. Numa discussão sobre criar o Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) da instituição, membros não pertencentes à diretoria foram contra, dizendo que era uma burocracia desnecessária, mas a decisão já estava tomada por dois motivos: possibilidade de conseguir mais dinheiro com doadores físicos e jurídicos para divulgar as ideias liberais e evitar problemas jurídicos quanto à transparência de tais doações.

Esses conflitos podem ser observados entre os membros de movimentos mais conservadores ou liberais. Como foi dito, durante os protestos pró-impeachment, movimentos como Liberte-se, EPL, entre outros, tiveram de se aliar à JCS, que apoia de forma declarada ideias fascistas. Tal decisão marcou a trajetória desses movimentos liberais e de direita, pois tanto para a oposição quanto para alguns simpatizantes, essa aliança é inadmissível. Em termos analíticos, é preciso pensar em que condições são feitas alianças com esse tipo de movimento e em que medidas elas se tornam temporárias ou se consolidam. Observou-se que alguns membros da JCS ficaram na linha de frente das manifestações, fazendo a segurança, pois se houvesse um confronto físico com contrários à manifestação, eles supostamente saberiam e estariam preparados para agir. Nesse sentido, vale ressaltar que a união entre movimentos como a Direita Sergipana, os membros do Ilise e a JCS são o apoio à suposta candidatura de Bolsonaro em 2018.

Envolver outros atores é um desafio que marca qualquer movimento social. O envolvimento e a interação com políticos são feitos a partir de relações construídas previamente. Até o momento, foi possível identificar que as relações entre lideranças de movimentos liberais, em especial a Direita Sergipana, o Ilise e o MBL Sergipe, se configuraram no próprio contexto político mais recente. Como exemplo disso, foi citado que a vereadora Emília Correa, eleita pelo PEN na última eleição municipal, recebeu apoio do MBL e de seus movimentos aliados no estado. A vereadora se tornou, portanto, uma aliada-chave não só do movimento, mas de seus aliados. Como demonstração da relação entre o movimento e ela, ressalta-se o apoio dela ao projeto Escola Sem Partido, protocolado por ela, com o nome Direito de Aprender, no dia 15 de agosto de 2017 na Câmara de Vereadores de Aracaju.

Na mesma ocasião, membros do MBL e da Direita Sergipana buscaram outros políticos que possivelmente apoiariam o projeto.

Conseguiram o apoio do vereador Cabo Amintas, policial militar, eleito pela composição PSC/PSL/PTB. Essa composição é interessante, uma vez que inclui o partido atual de Bolsonaro, e o vereador demonstrou ter uma relação próxima com ele, inclusive ressaltando algumas reuniões que tiveram. No mesmo dia em que foi protocolado o projeto, as lideranças do MBL e da Direita Sergipana também se reuniram com esse vereador, que concordou em apoiar o projeto. Além disso, o político marcou presença no evento de inauguração da sede do Movimento Direita Sergipana e do Movimento Sergipe com Bolsonaro, citado anteriormente.

Além do âmbito político, como envolvimento de outros atores, destaca-se a universidade e as redes de relações pessoais dos militantes e das lideranças dos movimentos. Foi possível identificar que boa parte das lideranças desses movimentos estudaram nas mesmas escolas, privadas ou públicas. Outro aspecto é que, apesar de a maioria dos jovens que participam não ter engajamento militante anterior, observa-se que familiares próximos tiveram ou têm. Os dados a respeito da trajetória biográfica das lideranças dos movimentos citados ainda estão em fase de coleta e sistematização, mas já indicam que a escola, a universidade e a esfera familiar são espaços de socialização que marcam e podem explicar o engajamento desses jovens na criação e no engajamento em movimentos liberais e de direita no estado de Sergipe, bem como outros tipos de relação com políticos partidários.

Em suma, ao mobilizar o envolvimento de diferentes atores, os movimentos e organizadores de protestos mobilizam e disputam diferentes arenas políticas, nesse caso, escolas, universidades, espaços públicos, instituições públicas etc. Isso também exige compreender quem são os aliados e os rivais nessas diferentes arenas pois, ao mesmo tempo que se percebe uma união nas direitas, como ocorreu durante os protestos pró-impeachment, os próprios atores revelam a fragmentação no pós-impeachment. A disputa pelos espaços de representação política no estado não ocorre apenas entre eles e movimentos e partidos de esquerda, mas entre os próprios movimentos liberais e de direita, entre estes e aqueles mais radicais. Como consequência, já foi possível observar um conjunto de jovens se candidatando pela primeira vez a uma eleição partidária em 2016, bem como políticos já veteranos se aliando a esses movimentos recentes para conseguir apoio e visibilidade em suas

campanhas, tanto presencial quanto virtualmente. O quadro que está se construindo para as eleições de 2018 não parece diferente: possíveis candidatos a deputados federais, estaduais e senadores já se mostram, seja de forma declarada, como fez o empresário João Tarantella, seja de forma indireta, apenas marcando presença nos eventos, contribuindo financeiramente etc.

Alguns autores mostram de forma clara e sem preconceito a importância de compreender as relações estabelecidas entre movimentos sociais e partidos políticos (Fretel, 2011; Jasper, 2016; Mische, 2008). Como foi visto, desde a origem dos movimentos liberais e de direita em Sergipe houve o envolvimento partidário, que também se deu com outros grupos de interesse, como os profissionais liberais e os empresários.

A literatura sobre movimentos sociais mostra que isso faz parte da própria dinâmica de construção, recrutamento e sustentabilidade dos movimentos sociais. Um dos principais objetivos desta segunda parte do artigo foi mostrar como a relação entre movimentos liberais, de direita e políticos partidários no estado aconteceu, por um lado, a partir das necessidades cotidianas de os movimentos se manterem atuantes, bem como de expandirem sua atuação a partir da ocupação simbólica de espaços públicos e privados; por outro, do envolvimento de empresários e profissionais liberais que tentavam ocupar um cargo eletivo, em âmbito municipal, estadual ou federal.

### **Considerações finais**

Um dos problemas identificados tanto na literatura nacional quanto internacional é a falta de estudos sobre movimentos sociais de direita, conservadores e liberais, se compararmos com a gama de trabalhos já produzidos sobre a esquerda. Segundo Fretel (2011), que analisa os partidos políticos e a militância de direita na França, os estudos sobre esses atores ficam aquém dos estudos sobre movimentos de esquerda. Um dos desafios apontados por Fretel se relaciona com a ideia de que não há militância de direita. Isso é um equívoco para o autor, pois existe militância de direita, contudo ela tem características específicas, visto a sua formação ideológica, a carreira dos seus militantes e a influência das instituições partidárias sobre suas formas de organização. Outro desafio apontado



está restrito aos próprios interesses de pesquisa dos pesquisadores, que em grande parte simpatizam com os movimentos e partidos de esquerda e limitam suas pesquisas a eles.

Este artigo também visou contribuir com estudos recentes sobre os movimentos que se autodeclararam de direita, conservadores e liberais no Brasil. Buscou-se apresentar como os movimentos de direita e liberais emergiram e se consolidaram em Sergipe no período de 2014 ao mês de setembro de 2017, como ainda buscou analisar a relação entre eles e os políticos partidários. Os resultados indicam que inicialmente a UFS foi o primeiro espaço a organizar grupos de contestação de direita e liberal no estado, com o processo de impeachment de Dilma Rousseff, e um conjunto de movimentos que surgiram ao longo de dois anos passou a disputar outros espaços públicos, como praças, pontos turísticos e escolas secundaristas. Tanto os espaços quanto as pautas dos movimentos se diversificaram, e entre 2015 e 2016 o foco foi o impeachment. Passado todo o processo, os protestos e outros tipos de ação foram organizados em defesa da educação, da divulgação das ideias liberais, da suposta candidatura do deputado Jair Bolsonaro para a presidência da República em 2018, entre outras.

Os resultados também demonstram que, desde a gênese desses movimentos, há uma forte vinculação partidária, contudo há também uma resistência à “velha política”. Isso tem provocado rupturas e dissidências internadas e uma fragmentação desses grupos em Sergipe. Além disso, os resultados apontam um processo recíproco de consolidação de alguns movimentos de direita e liberais e políticos partidários sem longa trajetória em cargos eletivos. Mesmo que alguns políticos apoiados por esses movimentos recentes não tenham sido eleitos em 2016, percebe-se uma rede de relações se construindo, que possivelmente será mobilizada nas eleições de 2018. É importante frisar que a resistência de alguns jovens à figura de políticos partidários e a alianças possíveis pode em parte ser explicada pela trajetória biográfica deles, porque os dados coletados até o momento indicam que grande parte dos jovens que lideraram os movimentos de direita e liberais não tiveram engajamento militante e político prévio.

Em suma, a emergência dos movimentos analisados modificou o cenário do associativismo do estado e das disputas pelos espaços

de representação política, como no movimento estudantil universitário e o cargo de vereador nas eleições municipais. Cabe agora, sem dúvida, uma análise mais sistemática sobre a trajetória biográfica das lideranças dos movimentos citados, principalmente dos mais atuantes: Movimento Direita Sergipana, Movimento Sergipe com Jair Bolsonaro e Instituto Liberal de Sergipe, como também os apoiadores e financiadores dos movimentos, para que seja mais bem compreendida não apenas a relação com eles, mas também os espaços de socialização, a posição social desses atores e seus múltiplos engajamentos.

## Referências

- ALONSO, A. (2016). Manifestações e participação política. In: FÓRUM: CONSERVADORISMOS, FASCISMOS E FUNDAMENTALISMOS. Campinas: Unicamp. Disponível em: [<https://www.youtube.com/watch?v=BFUjzkipisMU&t=8s>]. Acesso em 15 maio 2017.
- COSTA, J. D. (2009). *Dos movimentos sociais às funções institucionais: a consolidação de uma geração política em Sergipe*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- CRISTHIAN, A. (2017). *Grupo de seguidores de Bolsonaro inaugura ponto de apoio em Aracaju*. Disponível em: [<https://www.cinform.com.br/2017/08/26/bolsonaro-agora-tem-ponto-de-apoio-em-aracaju>]. Acesso em 7 set. 2017.
- CRUZ, J. de S. (2012). *Da autonomia à resistência democrática: movimento estudantil, Ensino Superior e a sociedade em Sergipe, 1950-1985*. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- DANTAS, I. C. (2004). *História de Sergipe: República (1889-2000)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- DIREITA SERGIPANA. (2016). *Sobre*. Disponível em: [<https://direitasergipana.wordpress.com/sobre>]. Acesso em: 5 ago. 2017.
- FRETEL, J. (2011). Qual sociologia para estudos dos partidos conservadores? *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 5, p. 321-349.
- GOHN, M. G. (2000). *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. 2. ed. São Paulo: Loyola.
- \_\_\_\_\_. (2014). A sociedade brasileira em movimento: vozes das ruas e seus ecos políticos e sociais. *Caderno CRH*, vol. 27, n. 71, p. 431-441.

- \_\_\_\_\_. (2016). Manifestações de protesto nas ruas no Brasil a partir de junho de 2013: novíssimos sujeitos em cena. *Revista Diálogo Educação*, vol. 16, n. 47, p. 125-146.
- ILISE. (2016). *Sobre*. Disponível em: [<https://ilisergipe.wordpress.com/sobre/>]. Acesso em 5 ago. 2017.
- JASPER, J. M. (2016). *Protesto: uma introdução aos movimentos sociais*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar.
- MATTOS, M. B. (2016). De junho de 2013 a junho de 2015. In: DEMIER, F.; HOEVELER, R. (org.). *A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad.
- MCADAM, D.; TARROW, S. (2011). Movimentos sociais e eleições: por uma compreensão mais ampla do contexto político da contestação. *Revista Sociologias*, vol. 13, n. 28, p. 18-51.
- MELO, D. (2016) A direita ganha as ruas. In: DEMIER, F.; HOEVELER, R. (org.). *A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad.
- MISCHE, A. (2008). *Communication and contention across Brazilian youth activist networks*. Princeton: Princeton University Press.
- SANTOS, A. S. F. (2016). *Movimento estudantil universitário de Sergipe: modelos de organização, redes sociais e engajamento individual (2000-2015)*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.
- SOUZA, F. (2016). Das ruas para as urnas: os líderes de protestos que migraram para a política neste ano. *BBC*, 27 set. Disponível em: [<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37392055>]. Acesso em 21 nov. 2017.
- SZWAKO, J. (2016). O fascismo contemporâneo brasileiro ou o mundo segundo o conservadorismo. *Revista Escuta*, 18 maio. Disponível em: [<https://revistaescuta.wordpress.com/2016/05/18/escuta-especial-conjuntura-o-fascismo-contemporaneo-brasileiro-ou-o-mundo-segundo-o-conservadorismo/>]. Acesso em 22 out. 2017.
- TATAGIBA, L. (2014). 1984, 1992 e 2013. Sobre ciclos de protestos e democracia no Brasil. *Política & Sociedade*, vol. 13, n. 28, p. 35-62.
- TATAGIBA, L. et al. (2015). *CorruPTos: um ensaio sobre protestos à direita no Brasil (2007-2015)*. Campinas: Núcleo de Pesquisa em Participação, Movimentos Sociais e Ação Coletiva.
- TARROW, S. (2009). *O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político*. Petrópolis: Vozes.